

CRIANDO LAÇOS VIA RECURSOS INFORMATIZADOS

Coordenador: DEISE JULIANA FRANCISCO

Introdução: Criando laços via recursos informatizados é um projeto de extensão constituído no curso de Psicologia da URI campus Santo Ângelo a fim de articular diversas ações de ensino e de pesquisa no âmbito da saúde mental. Consiste em parceria entre a URI, CAPS Santo Ângelo, envolvendo Grupo de Pesquisa e Desenvolvimento da EAD (GPEAD/URI) e Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. Objetiva propiciar uma forma de inclusão social que passa pela digital. Visa constituir redes de convivência digitais a partir da criação de espaços de vivência subjetiva com o uso de recursos informatizados em equipe junto a portadores de sofrimento psíquico, bem como criar um espaço onde os mesmos possam usufruir dos recursos digitais, a fim de expressarem-se e expor seus pontos de vista através de criações singulares. Conta com a participação de bolsistas de Psicologia e Informática, voluntários, usuários do CAPS, apostando na formação que ultrapasse o espaço da sala de aula, proposições de intervenção assistencialista e postura de neutralidade de quem intervém. Com a cibercultura e a modernização rápida dos equipamentos, o custo para manter a (pos)modernidade muitas vezes vai além do poder aquisitivo de muitas pessoas, gerando sofrimento e exclusão. Quanto aos portadores, este quadro é recorrente, quando os mesmos são excluídos ou tidos como incapazes, sem considerá-los como pessoas com diferentes qualidades e capacidades de produzir. Podemos entender exclusão como o descompromisso político com o sofrimento do outro e psicossocial como o entendimento do ser humano enquanto um ser multifacetado. Este se constroi no social, mediado pela cultura, tecnologias da época, ideologias, ou seja, trata-se de um sujeito que vai se construindo a partir das relações com o outro que se estabelecem ao longo da vida (SAWAIA, 1999). Na sociedade do conhecimento, uma das formas de exclusão constituída pelo acesso e trabalho (ou não) com as tecnologias. Sendo assim, percebeu-se a necessidade de trabalhos que aliem ações com subjetividade ancoradas no uso das tecnologias, pois estes podem ser auxiliares no processo de construção de cidadania e reinsertão social. Além disso, com o movimento da Luta Antimanicomial, da reforma psiquiátrica, novas possibilidades de intervenção se manifestam e proliferam a fim de possibilitar reabilitação social dos portadores de sofrimento psíquico. O trabalho artilha dos pressupostos de reabilitação (SARACENO, 1999), na parceria entre Universidade e serviços de atendimento aos cidadãos santoangelenses e na busca de soluções criativas para problemas criados pela institucionalização que muitos

usuários do CAPS sofreram em sua vida pregressa, bem como no trabalho com capacidades e habilidades que os usuários possuem. Desenvolvimento: Trata-se de uma pesquisa-intervenção, a partir de ações coletivas, de produções do grupo e utilização de ambientes virtuais. Pensa-se uma aproximação do dispositivo grupo-oficina (FERREIRA,2003), fim de vivenciar a processualidade e os acoplamentos homem-máquina. Há uma reunião inicial em que cada participante expõe o que quer fazer ou o que produziu no encontro anterior, comenta sobre suas produções e aprendizagens e de como está avaliando a oficina. Posteriormente, cada um ocupa uma máquina e desenvolve seu trabalho com o apoio da equipe e dos outros integrantes do grupo. Circulam atualmente pelo projeto 14 usuários, com idade entre 18 e 45 anos, homens e mulheres, de classe popular na sua maioria, com escolaridades, estado civil e diagnóstico variados. Muitos com passagem por hospitais psiquiátricos e consumidores de medicação. Resultados e Discussão: Apresentam-se os resultados em três eixos: Infoinclusão, Criação de materiais, Interação dos usuários com participantes da oficina e com familiares. Quanto à infoinclusão, proporcionou-se aproximação e conhecimento da informática pelos participantes, com o uso da Internet, troca de e-mails, visitas e desenvolvimento de sites. Um exemplo é o site do CAPS (<http://geocities.yahoo.com.br/ekrindges>). Segundo Michelazzo (2003) a Infoinclusão é a abertura de um espaço para o pensamento e não apenas ações técnicas, propicia a disseminação da informática ao reduzir custos e também o sentido de comunidade (refere-se a software livre) Trata-se da disponibilização de computadores para classe popular, da garantia de acesso, produção, seleção e significação da informação a fim de construir-se conhecimentos sintonizados com a sociedade do conhecimento para todas classes sociais (FRANCISCO, 2004). Os participantes puderam desenvolver trabalhos utilizando editor de texto, imagens, emails. Houve a possibilidade de criação de informações disponibilizadas na Internet pelos participantes, bem como a possibilidade de intercâmbio de através do uso do fórum e de e-mail. É importante frisar que todos os integrantes da oficina possuem e-mail até mesmo os sujeitos não alfabetizados. Estes comunicam-se através de imagens e do Fórum do projeto. Quanto à Criação de Materiais, os participantes possuem um espaço onde fazem desenhos, procurar figuras e textos disponíveis na Internet, escrever textos sobre como estão se sentindo ou sobre seu dia-a-dia, podendo também publicar seus trabalhos no site do CAPS. O ciberespaço favorece as conexões, as coordenações, as sinergias entre as inteligências individuais, e, sobretudo se o contexto for melhor compartilhado, se os indivíduos e os grupos puderem se situar mutuamente numa paisagem virtual de interesses e de competências, e se a diversidade dos módulos cognitivos comuns ou compatíveis aumentar (LÉVY, 2002). Pode-se constatar uma diferença significativa

com relação à comunicação entre os participantes do projeto. Sobre a Interação dos Usuários com Participantes da Oficina e com Familiares, observou-se um incremento na mesma a partir da troca de e-mails entre os participantes e entre estes e seus familiares. Além disso, a criação de cartões em homenagem ao dia das mães, dos pais bem como dia do amigo, ou mesmo de gratidão e auto-ajuda a familiares e amigos. Constituem-se, assim, novas maneiras de ampliar o espaço para o desenvolvimento e contato com os sujeitos e com a tecnologia, compondo complexos de subjetivação em que o sujeito esteja constantemente procurando maneiras alternativas de relacionar e se desenvolver, rompendo com os antigos laços existenciais: O indivíduo-grupo máquina-trocas múltiplas, que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, se re-singularizar (Guattari, 1992, p. 17). Considerações Finais: Com base nos apontamentos acima citados, podemos verificar que a inclusão de sujeitos portadores de sofrimento psíquico vem sendo uma alternativa a mais para a psicologia, sendo que a criatividade e a habilidade dos usuários estão sendo valorizadas e investindo na saúde mental e não na doença. Pensa-se que é necessário criar outras formas de acolhimento e de produção do social, da subjetividade, potencializando a loucura enquanto diferença e a psicologia enquanto rede de conhecimentos (Kastrup, 2000).